

# **Roteiro de Atividades**

**Literatura: textos de informação e jesuítcos, poesia do arcadismo e do barroco**

**9º Ano | 4º Bimestre | 1º Ciclo**

**Versão do Professor**



## Apresentação

O *Roteiro de Atividades* tem a função de servir de material didático modelar, no sentido da sua conexão explícita com os descritores do Currículo Mínimo e do seu nível de articulação entre atividades de *leitura, uso da língua e produção textual*.

O material pode ser utilizado em sala de aula na primeira etapa de cada ciclo que com–põe as disciplinas de acompanhamento do bimestre e, já na primeira *tarefa* de cada ciclo das disciplinas do Aperfeiçoamento, você vai ser incentivado a ajustá-lo às características da sua sala de aula. A partir do segundo ciclo do bimestre, esse tipo de roteiro também vai servir como ponto de referência para que você mesmo construa seu próprio material didático. Além disso, ao longo desse processo você será convidado a compartilhar dúvidas e experiências relativas a esse processo de implementação do Currículo Mínimo com seus colegas, em fóruns virtuais criados justamente pra isso, e terá sempre o acompanhamento do seu tutor para ajudá-lo a resolver dificuldades e a aperfeiçoar o material que estará sendo produzido.

Além disso, outro ponto importante para reforçar a flexibilidade do esquema de trabalho que está proposto neste curso é que cada um dos roteiros apresentados a você foi elaborado para ser percorrido ao longo de apenas duas semanas de aula. Sendo assim, nos períodos sem cobertura você poderá desdobrar mais livremente atividades que julgar mais interessantes, rever conteúdos ou explorar outros pontos cobrados pelas avaliações externas.

Em termos da sua estrutura geral, os roteiros se apresentam em duas versões: uma para o professor e outra para o aluno. Constituem-se internamente de texto gerador, atividades e respostas comentadas.

O *texto gerador* é do gênero privilegiado pelo eixo bimestral do Currículo Mínimo, copiado e reproduzido para servir como ponto de partida de um trabalho que está previsto para percorrer duas semanas de aula. O texto, com direitos autorais liberados e atual, procura atender aos interesses dos alunos e tem extensão apropriada para compor a carga horária prevista para as aulas.

As *atividades* dirigem-se aos alunos do ensino básico e exploram o texto gerador em seções dedicadas à *leitura, ao uso da língua e à produção textual*. As atividades têm comandos suficientemente precisos para gerar variações controladas e comentários que sirvam de orientação para você avaliar a produção dos seus alunos. Incentivam, ainda, o uso produtivo das Tecnologias da Informação e da Comunicação (TICs).

As *respostas comentadas* estão presentes apenas no documento voltado aos professores. Apresentam um “gabarito” das atividades propostas e uma análise das respostas mais prováveis às questões propostas.

## Texto Gerador 1

### Carta de Achamento do Brasil, de Pero Vaz de Caminha

O texto gerador a seguir pertence à categoria dos textos informativos – foco do bimestre de acordo com a proposta do Currículo Mínimo. A Carta de Achamento do Brasil é representa o primeiro registro da existência do Brasil. A partir dela, você poderá trabalhar com seus alunos atividades de leitura e uso da língua. Além disso, ao fim do Roteiro de Atividades, a atividade de produção textual retoma conhecimentos abordados nas atividades diretamente atreladas a esse texto.



Senhor,

posto que o Capitão-mor desta Vossa frota, e assim os outros capitães escrevam a Vossa Alteza a notícia do achamento desta Vossa terra nova, que se agora nesta navegação achou, não deixarei de também dar disso minha conta a Vossa Alteza, assim como eu melhor puder, ainda que – para o bem contar e falar – o saiba pior que todos fazer!

Todavia tome Vossa Alteza minha ignorância por boa vontade, a qual bem certo creia que, para aformosentar nem afear, aqui não há de pôr mais do que aquilo que vi e me pareceu.  
(...)

E portanto, Senhor, do que hei de falar começo. E digo quê:

(...) seguimos nosso caminho, por este mar de longo, até que terça-feira das Oitavas de Páscoa, que foram 21 dias de abril, topamos alguns sinais de terra. E quarta-feira seguinte, pela manhã, topamos aves a que chamam furabuchos. Neste mesmo dia, a horas de véspera,

houvemos vista de terra! A saber, primeiramente de um grande monte, muito alto e redondo; e de outras serras mais baixas ao sul dele; e de terra chã, com grandes arvoredos; ao qual monte alto o capitão pôs o nome de O Monte Pascoal e à terra A Terra de Vera Cruz! (...)

E dali avistamos homens que andavam pela praia, uns sete ou oito, segundo disseram os navios pequenos que chegaram primeiro (...). A feição deles é serem pardos, um tanto avermelhados, de bons rostos e bons narizes, bem feitos. Andam nus, sem cobertura alguma. Nem fazem mais caso de encobrir ou deixa de encobrir suas vergonhas do que de mostrar a cara. Acerca disso são de grande inocência. Ambos traziam o beijo de baixo furado e metido nele um osso verdadeiro, de comprimento de uma mão travessa, e da grossura de um fuso de algodão, agudo na ponta como um furador. (...)

O Capitão, quando eles vieram, estava sentado em uma cadeira, aos pés uma alcatifa por estrado; e bem vestido, com um colar de ouro, mui grande, ao pescoço. (...) Acenderam-se tochas. E eles entraram. Mas nem sinal de cortesia fizeram, nem de falar ao Capitão; nem a alguém. Todavia um deles fitou o colar do Capitão, e começou a fazer acenos com a mão em direção à terra, e depois para o colar, como se quisesse dizer-nos que havia ouro na terra. E também olhou para um castiçal de prata e assim mesmo acenava para a terra e novamente para o castiçal, como se lá também houvesse prata! (...)

Dos que ali andavam, muitos – quase a maior parte – traziam aqueles bicos de osso nos beijos.

E alguns, que andavam sem eles, traziam os beijos furados e nos buracos traziam uns espelhos de pau, que pareciam espelhos de borracha. E alguns deles traziam três daqueles bicos, a saber um no meio, e os dois nos cabos.

E andavam lá outros, quartejados de cores, a saber metade deles da sua própria cor, e metade de tintura preta, um tanto azulada; e outros quartejados d'escaques.

Ali andavam entre eles três ou quatro moças, bem novinhas e gentis, com cabelos muito pretos e compridos pelas costas; e suas vergonhas, tão altas e tão cerradinhas e tão limpas das cabeleiras que, de as nós muito bem olharmos, não se envergonhavam. (...)

Parece-me gente de tal inocência que, se nós entendêssemos a sua fala e eles a nossa, seriam logo cristãos, visto que não têm nem entendem crença alguma, segundo as aparências. E portanto se os degredados que aqui hão de ficar aprenderem bem a sua fala e

os entenderem, não duvido que eles, segundo a santa tenção de Vossa Alteza, se farão cristãos e hão de crer na nossa santa fé, à qual praza a Nosso Senhor que os traga, porque certamente esta gente é boa e de bela simplicidade. E imprimir-se-á facilmente neles qualquer cunho que lhes quiserem dar, uma vez que Nosso Senhor lhes deu bons corpos e bons rostos, como a homens bons. (...) E segundo o que a mim e a todos pareceu, esta gente, não lhes falece outra coisa para ser toda cristã, do que entenderem-nos, porque assim tomavam aquilo que nos viam fazer como nós mesmos; por onde pareceu a todos que nenhuma idolatria nem adoração têm. E bem creio que, se Vossa Alteza aqui mandar quem entre eles mais devagar ande, que todos serão tornados e convertidos ao desejo de Vossa Alteza. (...)

Até agora não pudemos saber se há ouro ou prata nela (na nova terra), ou outra coisa de metal, ou ferro; nem lha vimos. Contudo a terra em si é de muito bons ares frescos e temperados (...). Águas são muitas; infinitas. Em tal maneira é graciosa que, querendo-a aproveitar, dar-se-á nela tudo; por causa das águas que tem!

Contudo, o melhor fruto que dela se pode tirar parece-me que será salvar esta gente. E esta deve ser a principal semente que Vossa Alteza em ela deve lançar.

E desta maneira dou aqui a Vossa Alteza conta do que nesta Vossa terra vi. E se a um pouco alonguei, Ela me perdoe. Porque o desejo que tinha de Vos tudo dizer, me fez pôr assim pelo miúdo. (...)

Beijo as mãos de Vossa Alteza.

Deste Porto Seguro, da Vossa Ilha de Vera Cruz, hoje, sexta-feira, primeiro dia de maio de 1500.

Pero Vaz de Caminha.

(CAMINHA, Pero Vaz de. **Carta a El Rei D. Manuel**. Disponível em <http://www.culturabrasil.org/zip/carta.pdf>. p. 1, 2, 3, 7, 8, 9.)

”

## Texto Gerador 2

### Tratado da Terra do Brasil

Este texto gerador também pertence à categoria dos textos informativos. A importância deste tratado provém da observação e do relato que autor faz a respeito da língua e da cultura indígena, cristalizando uma visão que ainda se perpetuaria por muito tempo. A partir dele, serão tratadas atividades de leitura e uso da língua, como prevê o Currículo Mínimo.



Minha intenção não foi outra neste sumário (discreto e curioso leitor) senão denunciar em breves palavras a fertilidade e abundância da terra do Brasil, para que esta fama venha a notícia de muitas pessoas que nestes Reinos vivem com pobreza, e não duvidem escolhê-la para seu remédio; por que a mesma terra é tão natural e favorável aos estranhos que a todos agasalha e convida como remédio por pobres e desamparados que sejam. (...)

Não se pode numerar nem compreender a multidão de bárbaro gentio que semeou a natureza por toda esta terra do Brasil; porque ninguém pode por o sertão dentro caminhar seguro, nem passar por terra onde não acha povoações de índios armados contra todas as nações humanas, e assim como são muitos permitiu Deus que fossem contrários uns dos outros, e que houvesse entre eles grandes ódios e discórdias, porque se assim não fosse os portugueses não poderiam viver na terra nem seria possível conquistar tamanho poder de gente. (...)

A língua deste gentio toda pela Costa é uma: carece de três letras – convém saber, não se acha nela F, nem L, nem R, cousa digna de espanto, porque assim não têm Fé, nem Lei, nem Rei; e desta maneira vivem sem Justiça e desordenadamente. (...) Estes índios andam nus sem cobertura alguma, assim machos como fêmeas; não cobrem parte nenhuma de seu corpo, e trazem descoberto quanto a natureza lhes deu. Vivem todos em aldeias, pode haver em cada uma sete, oito casas, as quase são compridas feitas a maneira de cordoarias; e cada uma delas está cheia de gente duma parte e doutra, e cada um por si tem sua estância e sua rede armada em que dorme, e assim estão todos juntos uns dos outros por ordem, e pelo meio da casa fica um caminho aberto pela se servirem. Não há como

digo entre eles nenhum Rei, nem Justiça, somente em cada aldeia tem um principal que é como capitão, ao qual obedecem por vontade e não por força; morrendo este principal fica seu filho no mesmo lugar; não serve doutra coisa se não de ir com eles à guerra, e aconselhá-los como se hão de haver na peleja, mas não castiga seus erros nem manda sobre eles coisa alguma contra sua vontade. Este principal tem três, quatro mulheres, a primeira tem em mais conta, e faz dela mais caso que das outras. Isto tem por estado e por honra. Não adoram coisa alguma nem têm pela si que há na outra vida glória pelos bons, e pena pela os maus, tudo cuidam que se acaba nesta e que as almas perecem com os corpos, e assim vivem bestialmente sem ter conta, nem peso, nem medida.

(GANDAVO, Pêro de Magalhães. **Tratado da Terra do Brasil**. Disponível em <http://www.nead.unama.br/site/bibdigital/pdf/oliteraria/379.pdf>. p. 2, 13.)

”



## Atividade de Uso da Língua

1. Leia o conceito abaixo:

“

Descrição é a representação verbal de um objeto, ser, coisa, paisagem (...), através da indicação dos seus aspectos mais característicos, dos seus traços predominantes, dispostos de tal forma e em tal ordem, que do conjunto deles resulte uma impressão singularizante da coisa descrita, isto é, do quadro, que é a matéria da descrição.

(GARCIA, Othon Moacir. **Comunicação em prosa moderna**. 15. ed. Rio de Janeiro: FGV, 1992. p. 231.)

”



De acordo com texto I, que registra a descrição do primeiro contato de Caminha e seus companheiros de viagem com a nova terra, identifique que aspectos dos habitantes da terra recém-descoberta foram destacados.

**Habilidade trabalhada:** Reconhecer as características de um texto descritivo.

## Resposta Comentada

Para realizar essa atividade, seria interessante você discutir com seus alunos a finalidade do texto em questão a fim de eles tentarem recuperar a situação de comunicação na qual o texto foi produzido. Você pode levá-los a perceberem, por exemplo, que o escrivão Caminha procura oferecer ao rei uma descrição detalhada do que a tripulação encontra na nova terra com o objetivo de oferecer informações que justificassem o apoio à viagem.

Nesse aspecto, em seu discurso, Caminha procura elencar os aspectos mais característicos da terra e dos seus habitantes com o propósito de oferecer ao seu rei uma visão minuciosa do território conquistado. É importante ressaltar, contudo, que “toda qualificação tem origem no olhar que o sujeito lança sobre os outros seres e o mundo, testemunhando, então, sua subjetividade”<sup>1</sup>. As características registradas por Caminha, portanto, representam seu olhar diante da terra e de seus habitantes; em outras palavras, os traços descritos foram os que lhe pareceram mais peculiares. É importante os alunos perceberem que a carta apresenta uma visão sobre a terra e os habitantes, mas não a única possível.

Após essa discussão, você pode acrescentar que a caracterização dos habitantes foi se delineando gradativamente ao longo da carta pela acumulação dos traços físicos e comportamentais revelados em detalhadas descrições de sua aparência física, dos seus gestos, atitude, comportamento, sentimento e ideias<sup>2</sup>. Assim, para oferecer ao rei uma caracterização dos habitantes da terra recém-descoberta, Caminha destaca aspectos físicos e comportamentais do povo que encontrou nela.

<sup>1</sup> CHARAUDEAU, Patrick. **Linguagem e discurso: modos de organização**. Tradução de Ângela M. S. Corrêa & Ida Lúcia Machado. 2ª. ed. São Paulo: Contexto, 2010. p. 107-150.

<sup>2</sup> GARCIA, Othon Moacir. **Comunicação em Prosa Moderna**. 15. ed. Rio de Janeiro: FGV, 1992. p. 231-239.

Nas passagens seguintes, por exemplo, o escrivão oferece ao seu leitor, o rei, traços físicos dos habitantes da terra conquistada: “A feição deles é serem pardos, um tanto avermelhados, de bons rostos e bons narizes, bem feitos.” “E andavam lá outros, quartejados de cores, a saber metade deles da sua própria cor, e metade de tintura preta, um tanto azulada; e outros quartejados d’escaques.” “Ali andavam entre eles três ou quatro moças, bem novinhas e gentis, com cabelos muito pretos e compridos pelas costas”.

Existem, ainda, passagens em que o escrivão descreve costumes culturais relacionados ao modo de vestir, à organização social (insubordinação ao capitão) e à crença religiosa dos habitantes, como se verifica, por exemplo, em “Andam nus, sem cobertura alguma. Nem fazem mais caso de encobrir ou deixa de encobrir suas vergonhas do que de mostrar a cara. Acerca disso são de grande inocência”, “E eles entraram. Mas nem sinal de cortesia fizeram, nem de falar ao Capitão; nem a alguém.” e “por onde pareceu a todos que nenhuma idolatria nem adoração têm”. Para ampliar os limites desta atividade, seria interessante você promover uma reflexão acerca dos aspectos destacados nas passagens, já que são traços que se distanciam física e culturalmente dos conhecidos pelo escrivão português.



## Atividades de Leitura

2. Que empecilho, apontado por Caminha, dificultava a evangelização dos índios? Comprove com um fragmento do texto I.

**Habilidade trabalhada:** Relacionar os modos de organização da linguagem na literatura às escolhas do autor, à tradição literária e também ao contexto social de cada época.

## Resposta comentada

Para iniciar o tratamento desta questão, é interessante retomar com seus alunos alguns elementos necessários à comunicação. Levando isso em consideração, você poderia evidenciar que os elementos da linguagem são: o canal, meio físico através do qual a mensagem se propaga; a mensagem, tudo aquilo que o emissor leva ao receptor; o código, sistema de signos e regras que permite formular e compreender uma mensagem e contexto; receptor, que interpreta a mensagem transmitida pelo emissor; e o emissor, que formula a mensagem<sup>3</sup>.

Após a retomada desses conceitos, você pode mostrar a eles que, para a comunicação se efetivar, é preciso haver um emissor (ou locutor) e um receptor (ou interlocutor) que compartilhem o código linguístico utilizado na transmissão da mensagem. Compreende-se como código “um conjunto de sinais convencionados socialmente para a construção e a transmissão da mensagem”<sup>4</sup>. A língua portuguesa é, portanto, um exemplo de código linguístico por meio do qual as pessoas se comunicam e interagem entre si.

Nesta atividade, o fato de os portugueses e os índios não dominarem o mesmo código dificulta a comunicação mais efetiva entre eles e, por isso, a evangelização. Em sua carta ao rei, Caminha aponta a língua como empecilho para evangelizar os índios conforme se comprova nos seguintes fragmentos: “se nós entendêssemos a sua fala e eles a nossa, seriam logo cristãos”; “E, portanto, se os degredados que aqui hão de ficar aprenderem bem a sua fala e os entenderem, não duvido que eles, segundo a santa tenção de Vossa Alteza, se farão cristãos e hão de crer na nossa santa fé”; “esta gente, não lhes falece outra coisa para ser toda cristã, do que entenderem-nos”.



<sup>3</sup> SACCONI, Luiz Antonio. **Nossa Gramática Completa Sacconi**. São Paulo: Nova Geração, 2010, pp. 12-13.

<sup>4</sup> CEREJA, William Roberto e MAGALHÃES, Thereza Cochar. **Gramática reflexiva: texto, semântica e interação**. 2ª ed. São Paulo: Atual, 2005, p. 18-21.



3. A carta é uma situação comunicativa em que os parceiros não estão face a face, mas mantêm suas identidades psicológicas e sociais. Dessa forma, em sua descrição, Caminha não só demonstra a hierarquia da tripulação ao rei como também revela aspectos da organização social portuguesa no contexto histórico das Grandes Navegações.

A partir da consideração acima, recupere no texto:

- a) um fragmento que comprove a submissão do escrivão Caminha ao rei D. Manuel.
- b) um fragmento comprovando que algumas ações indígenas representavam um choque cultural e, portanto, se afastavam da concepção portuguesa de civilização.

**Habilidade trabalhada:** Relacionar os modos de organização da linguagem na literatura às escolhas do autor, à tradição literária e também ao contexto social de cada época.

## Resposta Comentada

Assim como foi salientado na questão 1, também é interessante que você peça a seus alunos, no item “A”, para recuperem o propósito comunicativo do texto. Vale a pena lembrar que se trata de um escrivão português com o propósito de descrever a nova terra conquistada ao seu rei. Como o gênero discursivo *carta* mantém as identidades psicológicas e sociais dos parceiros da troca comunicativa – Caminha e o rei D. Manuel –, é possível recuperar marcas textuais que evidenciam a relação de submissão existente entre eles em diversos trechos da carta, como nos exemplos a seguir: “não deixarei de também dar disso minha conta a Vossa Alteza, assim como eu melhor puder”; “E bem creio que, se Vossa Alteza aqui mandar quem entre eles mais devagar ande, que todos serão tornados e convertidos ao desejo de Vossa Alteza”; “E se a um pouco alonguei, Ela me perdoe. Porque o desejo que tinha de Vos tudo dizer, mo fez pôr assim pelo miúdo”, “Beijo as mãos de Vossa Alteza”. Nesses e em outros fragmentos, você pode destacar a

presença do pronome de tratamento, o fato de os pronomes que se referem ao rei estarem grafados em letra maiúscula – Ela, Vos – e o posicionamento submisso ao desejo do rei – pedido de perdão, beijo nas mãos etc. É interessante destacar ainda que a modo de organização descritivo da linguagem, na carta de Caminha, serve a propósitos de caráter social: por um lado, deve-se ao processo de dominação dos portugueses sobre as novas terras – que precisavam ser avaliadas segundo os interesses do rei – e, por outro, à submissão do escrivão e da tripulação ao rei, como forma de oferecer justificativa pelo apoio financeiro investido na incursão.

Antes de iniciar o desenvolvimento do item “B”, você pode retomar com os alunos, conforme a reflexão proposta na questão 1, que a descrição aponta para um recorte objetivo do mundo, mas depende da visão que um grupo cultural projeta sobre esse mundo. Nesse aspecto, a descrição realizada por Caminha carrega traços de subjetividade que revelam a visão portuguesa de sociedade. Segundo Charaudeau<sup>5</sup>, descrever permite ao sujeito falante manifestar o seu imaginário, individual e/ou coletivo, da construção e da apropriação do mundo num jogo de conflito entre as visões normativas impostas pelos consensos sociais e as visões próprias ao sujeito. Dessa forma, os trechos que apresentam a descrição de ações indígenas com estranhamento podem revelar aspectos da organização social portuguesa. No fragmento “E eles entraram. Mas nem sinal de cortesia fizeram, nem de falar ao Capitão; nem a alguém.”, por exemplo, o conector adversativo ‘mas’ evidencia que o comportamento dos índios foi contrário ao esperado por Caminha. Outros exemplos de fragmentos podem revelar o costume português de andar com roupas e de associarem o nu ao pecado, já que incluem na descrição da nudez a justificativa da inocência: “Andam nus, sem cobertura alguma. Nem fazem mais caso de encobrir ou deixa de encobrir suas vergonhas do que de mostrar a cara. Acerca disso são de grande inocência.” ou “e suas vergonhas, tão altas e tão cerradinhas e tão limpas das cabeleiras que, de as nós muito bem olharmos, não se envergonhavam”.



<sup>5</sup> CHARAUDEAU, Patrick. **Linguagem e discurso: modos de organização**. Tradução de Ângela M. S. Corrêa & Ida Lúcia Machado. 2ª. ed. São Paulo: Contexto, 2010. (p. 107-150).



4. Em seu primeiro contato com os habitantes da nova terra, Caminha (texto I) descreve e interpreta os acenos feitos pelos índios, relacionando-os à possível existência de metais preciosos. O que essa descrição revela acerca das intenções do homem europeu com a descoberta de novas terras?

**Habilidade trabalhada:** Relacionar os modos de organização da linguagem na literatura às escolhas do autor, à tradição literária e também ao contexto social de cada época.

## Resposta Comentada

Antes de iniciar o tratamento desta atividade, seria interessante que você debatesse com seus alunos os objetivos e as expectativas dos viajantes em relação ao “Novo Mundo”, pois, embora a Carta de Pero Vaz de Caminha tivesse a finalidade principal de “descrever e catalogar a terra e o povo recém-descobertos”<sup>6</sup>, acabava também por refletir a visão de mundo, as intenções e as ambições do homem europeu da época.

Em relação à “Nova Terra”, é possível afirmar que os portugueses tinham, sobretudo, duas grandes preocupações: a conquista material, resultante das políticas das Grandes Navegações, e a conquista espiritual, advinda da expansão da fé cristã. Na referida passagem da Carta, Caminha evidencia justamente o interesse dos portugueses em descobrir se havia metais de valor nas terras dos índios. O escrivão do rei sugere que os acenos do índio podem fazer alusão à utilização de ouro e prata por aquela sociedade, porém o indígena parece apenas estar encantado com os pertences do capitão.

Sobre esta questão, Roncari<sup>7</sup> aponta:

<sup>6</sup> VOGT, Carlos e LEMOS, José Augusto Guimarães de. **Cronistas e Viajantes**. São Paulo: Abril Educação, 1982.

<sup>7</sup> RONCARI, Luiz. Literatura Brasileira. **Dos primeiros cronistas aos últimos românticos**. São Paulo: Editora da USP, 2002. p. 29.

“

para os portugueses o ouro é que tinha valor, enquanto para os indígenas uma conta de colar ou um guizo eram mais importantes; para os portugueses, os índios eram vistos como **mão-de-obra** a ser explorada ou almas a serem cristianizadas; já para os indígenas, os lusitanos eram homens diferentes com quem queriam trocar objetos.

”

Você também pode salientar que, mais tarde, sabendo que os índios ignoravam a existência dos metais preciosos, o escambo foi o principal meio usado pelos portugueses para se apropriar de outras riquezas, como o pau-brasil. A presença abundante desse recurso vegetal contribuiu para que a “Nova Terra” fosse batizada de Brasil.



### Atividade de Uso da Língua

5. Em uma crônica de viagem, geralmente, encontramos diversas passagens dedicadas à descrição. Identifique na Carta de Caminha uma passagem que possua características nitidamente descritivas.

Habilidade trabalhada: Reconhecer as características de um texto descritivo.

## Resposta Comentada

Inicialmente, seria interessante que você retomasse com seus alunos o conceito de descrição, já mencionado anteriormente neste roteiro. Levando em conta que o texto descritivo é um relato dos traços distintivos de uma pessoa, de um objeto ou de uma paisagem e que, geralmente, sua organização pode ser definida a partir de três elementos: nomear, localizar-situar e qualificar<sup>8</sup>.

Nomear serve aos propósitos do modo descritivo por dar existência aos seres por meio de sua identificação. Este elemento está intimamente relacionado a certas categorias linguísticas, como a denominação, caracterizada pelo emprego de nomes comuns ou próprios; a atualização, pelo emprego de artigos; a dependência, pelos possessivos; a designação, pelos demonstrativos; a quantificação, pelos quantificadores e a enumeração, pelos dêiticos, artigos ou nomes<sup>9</sup>.

Localizar-situar fornece ao relato um enquadramento espaçotemporal. Suas principais categorias são os advérbios, as locuções adverbiais, as datas e os nomes próprios de lugares.

Já qualificar consiste em atribuir qualidades, modo de ser, estado ou aspecto ao que é descrito, permitindo construir uma visão objetiva e/ou subjetiva do objeto. As categorias linguísticas relacionadas ao qualificar são os adjetivos e as locuções adjetivas, que ganham expressividade tanto na função de adjunto adnominal, quanto na de predicativo.

As formas verbais implicadas na descrição, geralmente, estão flexionadas no presente ou no pretérito imperfeito, pertencendo à classe dos intransitivos, no caso da determinação espaço-temporal, e a dos verbos de ligação, no caso da qualificação.

Depois deste levantamento, você pode orientar o seu aluno a encontrar no texto passagens em que esses elementos e/ou características são apreciáveis, como nos trechos destacados abaixo:

- **“Neste mesmo dia, a horas de véspera, havemos vista de terra! A saber, primeiramente de um grande monte, muito alto e redondo; e de outras serras mais baixas ao sul dele; e de terra chã, com grandes arvoredos; ao qual monte alto o capitão pôs o nome de O Monte Pascoal e à terra A Terra de Vera Cruz!”**

<sup>8</sup> CHARAUDEAU, Patrick. **Linguagem e discurso: modos de organização**. Tradução de Ângela M.S. Corrêa & Ida Lúcia Machado. 2ª. ed. São Paulo: Contexto, 2010, p. 111.

<sup>9</sup> SANT'ANNA, Simone. **O modo descritivo em reportagens: operações discursivas e patemização**. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa). Rio de Janeiro: UFRJ/FL, 2010, p. 38.



- **“A feição deles é serem pardos, um tanto avermelhados, de bons rostos e bons narizes, bem feitos.** Andam nus, sem cobertura alguma. Nem fazem mais caso de encobrir ou deixa de encobrir **suas vergonhas** do que de mostrar a cara.”

Do mesmo modo, seria válido assinalar para a sua classe que, além da descrição “das primeiras imagens da terra e dos homens, também podemos observar na Carta os valores éticos e materiais que orientavam o interesse português sobre as realidades deste mundo novo”<sup>10</sup>.



6. Nesse trecho, qual função da linguagem predomina?
  - “A língua deste gentio toda pela Costa é, uma: carece de três letras – convém saber, não se acha nela F, nem L, nem R, cousa digna de espanto, porque assim não têm Fé, nem Lei, nem Rei”.

**Habilidade trabalhada:** Reconhecer as funções da linguagem: emotiva, metalinguística e poética.

## Resposta Comentada

Para que seu aluno tenha uma melhor compreensão sobre este assunto, seria interessante que você fizesse primeiramente, a exemplo da questão 2, uma breve apresentação sobre os elementos da comunicação, pois foi a partir deles que o linguista Roman Jakobson distinguiu as funções da linguagem, relacionando-as aos componentes do processo comunicativo. Em cada ato de fala, dependendo de sua finalidade, destaca-se um dos elementos da comunicação, e, por conseguinte, uma das funções da linguagem.

<sup>10</sup> RONCARI, Luiz. Literatura Brasileira. **Dos primeiros cronistas aos últimos românticos**. São Paulo: Editora da USP, 2002. p. 29.

Dessa forma, você poderia destacar que a função da linguagem com ênfase no elemento canal é fática, que predomina quando o objetivo é simplesmente o de estabelecer ou manter a comunicação; a função da linguagem com ênfase na mensagem é a poética, que valoriza a informação pela forma como é veiculada; a função da linguagem com ênfase no elemento código é a metalinguística, que é centrada no código, e objetiva falar sobre a própria linguagem; a função da linguagem com ênfase no receptor é a conativa ou apelativa, que predomina quando o objetivo da mensagem é persuadir o destinatário e, finalmente, a função da linguagem com ênfase no emissor é a emotiva, que predomina quando o objetivo da mensagem é a expressão das emoções, atitudes, estados de espírito do emissor com relação ao que fala<sup>11</sup>.

Sendo assim, a função da linguagem que predomina na passagem selecionada é a metalinguística, uma vez que o foco recai sobre o código. O autor se vale da linguagem para descrever a língua dos índios, inclusive para destacar a ausência das três consoantes no Tupi: “A língua deste gentio toda pela Costa é uma: carece de três letras — convém saber, não se acha nela F, nem L, nem R.”



## Atividade de Leitura

7. No fragmento destacado na questão anterior, Gandavo, ao descrever a língua Tupi, relaciona a ausência de três letras – F, L e R – no alfabeto indígena a uma limitação sócio-cultural. Como essa descrição do idioma revela haver, para o autor, uma pretensa desorganização social dos índios?

**Habilidade trabalhada:** Relacionar os modos de organização da linguagem na literatura às escolhas do autor, à tradição literária e também ao contexto social de cada época.

<sup>11</sup> ABAURRE, Maria Luiza; PONTARA, Marcela; ABAURRE, Maria Bernadete M. **Português – Contexto, Interlocução e Sentido** – Volume 1. São Paulo: Moderna, 2010. p. 235-237.

## Resposta Comentada

A fim de levar seus alunos a uma reflexão sobre a questão da imposição da língua portuguesa aos índios como um processo de dominação cultural, você poderia observar que ao tratar “da condição e costumes dos índios da terra”, Gandavo descreve as aldeias e o comportamento dos índios de forma pejorativa, relacionando à sua visão sobre o modo de vida indígena ao que ele indica ser uma carência lingüística desses povos: a falta das letras F, L, e R implicaria em uma sociedade sem fé, sem lei e sem rei, visto que estas letras eram consideradas, na época, como os símbolos dos elementos constitutivos da própria civilização<sup>12</sup>.

Relatos como esse fizeram circular imagens profundamente ambíguas e negativas dos povos indígenas. Essa noção de “marginalidade” e de deficiência sócio-cultural ajudou a promover o projeto expansionista lusitano, pois atribuía um sentido humanitário e religioso ao empreendimento colonial, justificando-o.

Conforme Bethania Mariani afirma: “para a metrópole portuguesa, o exercício de uma política unitária de imposição da língua portuguesa representava a possibilidade de domesticação e absorção das diferenças de povos e culturas indígenas que se encontravam fora dos parâmetros do que se entendia como civilização na época.”<sup>13</sup>

Caso disponha de tempo, neste ponto seria interessante que você debatesse com seus alunos como o preconceito e a marginalização linguística, ainda hoje, justificariam a dominação e a discriminação social.



<sup>12</sup> AZZI, Riolando. **A Cristandade Colonial: um projeto autoritário**. São Paulo: Paulinas, 1987. p. 125.

<sup>13</sup> MARIANNI, Bethania. **Entre a evidência e o absurdo: sobre o preconceito linguístico**. Disponível em <http://www.uff.br/cadernosdeletrasuff/36/artigo1.pdf>. p. 34.



## Atividade de Uso da Língua

8. Os textos I e II são concepções pessoais – de Caminha e Gandavo, respectivamente – que visam à descrição do Brasil. Transcreva um exemplo de cada texto em que predomina a função emotiva da linguagem.

**Habilidade trabalhada:** Reconhecer as funções da linguagem: emotiva, metalinguística e poética.

## Resposta Comentada

Para iniciar esta atividade, você pode relembrar com os alunos os elementos da comunicação como na questão 2 e na letra b da questão 6. Essa retomada é interessante porque a função emotiva “ocorre quando o locutor (ou emissor) é posto em destaque”<sup>14</sup>. Esse destaque aparece marcado na língua pela presença de verbos e pronomes em primeira pessoa. Um fragmento que pode ser tomado como exemplo no texto 1 é “aqui não há de pôr mais do que aquilo que vi e me pareceu.” No texto 2, o trecho “Minha intenção não foi outra neste sumário (...) senão denunciar em breves palavras a fertilidade e abundância da terra do Brasil” aponta para a intenção do emissor. Nesses fragmentos, predomina a função emotiva da linguagem, conforme se comprova pelas marcas verbais (vi) e pronominais (me, minha) de primeira pessoa que evidenciam o foco no emissor. O gênero discursivo, uma carta descrevendo a viagem para conquistar novas terras também se associa a essa função, uma vez que “a função emotiva ocorre com frequência em poemas, em crônicas, em relatos de viagem”<sup>15</sup>.

<sup>14</sup> CEREJA, W. R. e MAGALHÃES, T. C. **Gramática reflexiva: texto, semântica e interação**. 2ª ed. São Paulo: Atual, 2005, p. 33.

<sup>15</sup> BELLEZI, C. e JORDÃO, R. **Linguagens: língua, literatura e produção de texto**. São Paulo: Escala Educacional, 2007, p. 29.

## Texto Gerador 3

### Auto de São Lourenço

O *Auto de São Lourenço* é uma peça de teatro escrita, em 1586, pelo padre jesuíta José de Anchieta. Esse texto exemplifica um dos gêneros selecionados para o 4º bimestre: o teatro catequético. Na obra, Anchieta narra como o Anjo da Guarda, São Sebastião e São Lourenço expulsaram os diabos Guaixará, Aimbirê e Saravaia de uma aldeia indígena. Esse texto dramático é dividido em cinco atos. O fragmento abaixo constitui o início do segundo ato, que traz um diálogo entre os três diabos, os mártires padroeiros e o Anjo da guarda.

### Segundo Ato

(Eram três diabos que querem destruir a aldeia com pecados, aos quais resistem São Lourenço, São Sebastião e o Anjo da Guarda, livrando a aldeia e prendendo os tentadores cujos nomes são: Guaixará, que é o rei; Aimbirê e Saravaia, seus criados)

### Guaixará

Esta virtude estrangeira  
Me irrita sobremaneira.  
Quem a teria trazido,  
com seus hábitos polidos  
estragando a terra inteira?

Só eu  
permaneço nesta aldeia  
como chefe guardião.  
Minha lei é a inspiração  
que lhe dou, daqui vou longe  
visitar outro torrão.

Quem é forte como eu?  
Como eu, conceituado?

Sou diabo bem assado.  
A fama me precedeu;  
Guaixará sou chamado.

Meu sistema é o bem viver.  
Que não seja constrangido  
o prazer, nem abolido.  
Quero as tabas acender  
com meu fogo preferido

Boa medida é beber  
cauim até vomitar.  
Isto é jeito de gozar  
a vida, e se recomenda  
a quem queira aproveitar.

A moçada beberona  
trago bem conceituada.  
Valente é quem se embriaga  
e todo o cauim entorna,  
e à luta então se consagra.

Quem bom costume é bailar!  
Adornar-se, andar pintado,  
tingir pernas, empenado  
fumar e curandeirar,  
andar de negro pintado.  
Andar matando de fúria,  
amancebar-se, comer  
um ao outro, e ainda ser

Para isso  
com os índios convivi.  
Vêm os tais padres agora  
com regras fora de hora  
prá que duvidem de mim.  
Lei de Deus que não vigora.

Pois aqui  
tem meu ajudante-mor,  
diabo bem requeimado,  
meu bom colaborador:  
grande Aimberê, perversor  
dos homens, regimentado.

(Senta-se numa cadeira e vem uma velha chorar junto dele. E ele a ajuda, como fazem os índios. Depois de chorar, achando-se enganada, diz a velha)



## Atividades de Leitura

9. O *Auto de São Lourenço* foi escrito pelo padre jesuíta José de Anchieta em 1586 (final do século XVI). A peça pertence ao “teatro catequético”, que constitui a origem mais remota do teatro brasileiro. Levando-se em consideração as marcas linguísticas desse texto e o seu contexto histórico e político, podemos afirmar que uma das características desse auto é:
  - a) tipologia textual predominantemente narrativa que mostram a exaltação do colonizador frente à nova terra;
  - b) o uso recorrente de adjetivos que assinalam admiração do autor perante o povo e a terra;

- c) texto de caráter pedagógico baseado em textos bíblicos, que visa à catequese do povo da nova terra;
- d) a veiculação da fé e dos mandamentos religiosos por meio da descrição das belezas naturais da terra.

**Habilidade trabalhada:** Identificar características do teatro de catequese.

## Resposta Comentada

Com o propósito de tornar a atividade mais proveitosa e coesa com o que já foi visto ao longo deste ciclo, é interessante que você analise, com a sua turma, cada uma das alternativas.

A alternativa “A” é uma opção incorreta, pois, no texto em questão, não foi usada a tipologia narrativa para fazer um relato descrevendo a terra brasileira de forma a exaltá-la. Muito pelo contrário, no texto, predomina a crítica aos hábitos e costumes indígenas, em vez de admiração frente à nova terra.

Seguindo a mesma linha de raciocínio do item A, você pode levar o aluno a perceber que a alternativa “B” também não constitui elemento caracterizador do *Auto de São Lourenço*, haja vista que complementa a ideia da primeira opção. Nesse item, pode-se notar, então, que a informação “uso de adjetivos que assinalam admiração” está de acordo com a perspectiva de mostrar a “exaltação do colonizador frente à nova terra”, presente na primeira alternativa. Logo, da mesma forma que a alternativa “A”, a opção “B” também está errônea.

A terceira alternativa, por sua vez, que assinala o uso de textos bíblicos com o propósito de doutrinar os índios está de acordo com a temática do texto gerador apresentado. Você pode mostrar para o aluno que todo o mote do auto versa sobre a tentativa de mostrar para os nativos que seus hábitos e costumes – reproduzidos na peça pelas ações do personagem maligno Guaixará – não estão de acordo com o que pessoas de bem fariam. **A letra “C”, então, constitui a resposta correta desta questão**, visto que apresenta o principal traço do teatro catequético, que é a intenção do autor de persuadir os índios a abandonarem a sua vida pagã e seguirem a doutrina religiosa do colonizador.

A letra “D”, por fim, registra que a descrição das belezas naturais da terra e do seu povo serve de pano de fundo para a veiculação da fé e dos mandamentos religiosos. Muitos alunos podem se enganar, considerando esta a opção correta, haja vista que menciona a questão do

ensino religioso, que é uma característica elementar do teatro catequético. Todavia, é importante ressaltar para eles que a alternativa ressalta que tal ensino seria baseado na “descrição das belezas naturais da terra”, o que não condiz com a caracterização desse gênero textual.

Em última análise, você pode mostrar aos alunos que as alternativas “A”, “B” e “D” são respostas incorretas, pois constituem características do gênero literatura informativa, tendo como exemplos o Texto Gerador 1, a *Carta de Pero Vaz de Caminha*, e o Texto Gerador 2, o *Tratado da Terra do Brasil*. Esse gênero é composto por “escritos em prosa, cuja finalidade era narrar e descrever viagens e os primeiros contatos com a terra brasileira e seus nativos, informando tudo o que pudesse aos governantes portugueses”<sup>16</sup>. O teatro catequético, por sua vez, tem como função específica fazer com que o público – no caso, os silvícolas – reflita, através das fortes emoções experimentadas, sobre as paixões e vícios humanos e sejam persuadidos a abandonar sua vida pagã e seguir a doutrina religiosa do futuro colonizador.



10. Os diferentes textos que lemos e produzimos refletem nossa cultura, a maneira como captamos e interpretamos a realidade. Mas, os textos teatrais podem ser considerados “espelhos” mais claros de nossa dinâmica social: a partir de sua linguagem (personagens, figurinos, cenários etc.), eles nos ajudam a enxergar, mais diretamente, quem somos e, assim, a construir nossa identidade.

Desse modo, considere o fato de que, nas apresentações dos autos catequéticos, os índios assumiam tanto o papel de espectadores quanto o de atores e responda:

<sup>16</sup> CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. **Literatura Brasileira**. São Paulo: Atual, 1995. p. 34.



A partir do *Auto de São Lourenço*, como os índios se reconheciam quanto aos seus costumes? E, em oposição, como, segundo esse texto moralizante, eles deveriam ser/viver?

**Habilidade trabalhada:** Reconhecer a tríade teatral: “eu observador, eu em situação, e o não-eu, isto é, o outro”.

## Resposta Comentada

Se os gêneros são produzidos atrelados às relações sócio-históricas (não individuais), funcionam como formas de legitimação discursiva. Nessa perspectiva, quando estamos imersos na construção ficcional dos textos teatrais, assumimos e co-construímos uma apresentação possível e coerente da realidade. A partir da própria construção textual e de nossa bagagem cultural, aceitamos os valores apresentados em cena, ainda que momentaneamente, e o dizer do texto teatral se torna “verdadeiro”<sup>17</sup>.

Paralelamente, ao considerarmos que “o teatro nasce quando o ser humano descobre que pode observar-se a si mesmo: ver-se em ação (...) ver-se em situação.”<sup>18</sup>, compreendemos que os textos dramáticos são formas privilegiadas para (re)descobrir nossa identidade, nosso papel social. Nessa perspectiva, somos atores sociais, que, dialogicamente, se constroem pela linguagem.

A partir dessas concepções, esta questão visa não só à identificação das “pessoas” que caracterizam os textos teatrais, mas também à compreensão de como elas se relacionam, possibilitando que o texto dramático seja um “espelho imaginário” das relações humanas.

Espera-se, portanto, que, pela interpretação do trecho em destaque e pela identificação de seus propósitos comunicativos, os alunos entendam como os hábitos indígenas – dentre os quais, evidenciam-se: “beber cauim até vomitar”, “lutar”, “bailar”, “adornar-se”, “fumar e curandeirar”, “amancebar-se”, isto é, ligar-se a alguém sem laços de casamento (amigar-se), “comer um ao outro”, ou seja, praticar a antropofagia, “ser espião” – eram criticados/censurados pelos colonizadores europeus e, por isso, defendidos por um personagem maligno, Guaixará.

<sup>17</sup> CCf. FIORIN, José Luiz \_\_\_\_\_. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2006; KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **A inter-ação pela linguagem**. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2006; dentre outros.

<sup>18</sup> BOAL, Augusto. **O arco-íris do desejo: método boal de teatro e terapia**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. p. 27.

Além disso, é fundamental que os alunos compreendam como, nesse movimento persuasivo, Anchieta deseja que os nativos assumam seu ponto de vista, refutando os costumes indígenas e assumindo a cultura europeia. Assim, convém ressaltar que, na apresentação dos autos, os índios, como espectadores, assumiam o papel de *eu observador*: assistiam a outros índios que, como atores, interpretavam as personagens da trama teatral, incluindo o próprio índio que, pelo olhar de Anchieta, era recriado, tornando-se *eu em situação*. Ao mesmo tempo, os índios que compunham a plateia, junto a soldados, marujos e comerciantes, eram doutrinados. Pelo contraste entre os costumes indígenas e a cultura cristã européia, apresentada como caminho para a salvação, os índios eram encaminhados a tomar o *não-eu*, isto é, o *outro* como um modelo de vida. Se, nos textos teatrais, o público “percebe o que é, descobre o que não é, e imagina o que pode vir a ser”; “percebe onde está, descobre onde não está e imagina onde pode ir”<sup>19</sup>, nos autos evangelizadores produzidos no século XVI, por um lado, a imagem construída para o índio é apresentada como o que não se devia fazer/ser; por outro, os mártires católicos representam ideais de comportamento e submissão a Deus.



11. A elaboração de uma peça de teatro envolve uma gama de traços particulares, tais como sonoplastia, figurino, objetos cênicos e caracterização dos personagens. Nesse contexto, temos a própria linguagem teatral que individualiza o gênero em questão por meio das apresentações das personagens, da rubrica do autor (comentários sinalizados para as personagens), do aparte (comentário da personagem diretamente com o público), da estruturação dos diálogos, além do imprescindível uso da linguagem não verbal, dentre outros.

Observando a peça e levando em consideração as informações fornecidas, responda:

<sup>19</sup> BOAL, Augusto. **O arco-íris do desejo: método boal de teatro e terapia**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. p. 27.

- a) Que traços de linguagem, característicos da linguagem teatral, podem ser identificados na obra em questão?
- b) Tente identificar os elementos ator, texto e espectador de forma a caracterizá-los a partir dos traços da linguagem teatral que você elencou na letra a.

**Habilidade trabalhada:** Caracterizar a linguagem teatral, relacionando os elementos essenciais dessa linguagem (ator-texto-espectador).

## Resposta Comentada

O foco desta questão é individualizar as marcas linguísticas que caracterizam o gênero textual “teatro”. Dessa maneira, para desenvolver o item “A”, você pode levar o aluno a notar que, no texto teatral, há todo um encaminhamento acerca do que os personagens devem fazer, de como devem agir. Isso pode ser comprovado ao final da fala de Guaixará na passagem entre parênteses: “Senta-se numa cadeira e vem uma velha chorar junto dele. E ele a ajuda, como fazem os índios.”. Nota-se que, na linguagem teatral, o elo ator-texto-espectador é todo “amarrado” pelo autor da obra que, ao elaborar sua peça, cerca-se de todos os cuidados para que essa conexão possa ser eficiente, ou seja, que a mensagem possa ser efetivamente transmitida.

De forma semelhante, a partir do item “B” individualizar o autor do texto, seu interlocutor e a forma de interação entre eles: o texto catequético. Assim, é possível perceber que o autor do texto é um jesuíta, que escreveu uma peça teatral de cunho catequético, levando-se em consideração uma série de elementos que você pode elencar junto com a sua turma: i) o ano da obra; ii) a escolha dos nomes dos personagens do lado do Mal como “Guaixará”, entidade temida pelos índios por ser conhecida como o “rei dos diabos”, e seus criados, “Aimberê” e “Saravaia”, nomes que os índios dão para alguns demônios; e iii) a seleção dos nomes dos personagens que representam o Bem e são os heróis da história, “São Lourenço”, “São Sebastião” e o “Anjo da Guarda”.

Como traço característico do texto do teatro catequético, pode-se elencar: o mote de cunho pedagógico apresentado na peça que relata a luta entre o Mal e o Bem, tendo como representação do lado negativo todos os costumes dos silvícolas considerados pecados pelo povo português e, como lado positivo, as regras supostamente corretas da “Lei de Deus”. Essa ideologia de doutrinação que os jesuítas apresentavam perante o povo indígena caracteriza

parte da produção literária do Quinhentismo, uma vez que, paralelamente à literatura de cunho meramente informativo, aparece a dos jesuítas, rica de informações e com um “plus” de intenção pedagógica e moral<sup>20</sup>.

Quanto ao espectador da peça, fica claro, pelos costumes citados na obra, como “beber cauim até vomitar”, “andar pintado, tingir pernas, empenado fumar e curandeirar”, que o público para o qual a peça se direciona é o silvícola nativo – o que confirma que o autor, ao escrever, organiza o discurso em função de sua própria identidade e da imagem que tem de seu interlocutor<sup>21</sup>. A organização do texto mostra exatamente isso: o português, com base na sua bagagem cultural, elabora uma peça em que apresenta o índio, seu interlocutor, com a imagem que o colonizador construiu dele.



12. O teatro é uma das artes cênicas mais antigas do mundo e, embora muitas vezes seja considerado um mero entretenimento, não há como se negar que tal arte possa exercer um papel social importante. Ao servir de espelho para o que ocorre na sociedade, por meio da recuperação de gestos, ideias, fatos e posicionamentos dos indivíduos na sociedade, o teatro pode não só conscientizar seu público acerca do que se passa como também pode influenciá-lo a refletir e possivelmente transformar o mundo que o cerca.

Levando-se em conta o papel social que o teatro pode ter na sociedade, é possível afirmar que Anchieta tem algum propósito social na elaboração deste auto? Qual? Justifique com informações do texto.

**Habilidade trabalhada:** Refletir a história e o sentido do teatro na sociedade.

<sup>20</sup> BOSI, Alfredo. **História concisa da Literatura Brasileira**. 43. ed. São Paulo: Cultrix, 2006. p. 21-22.

<sup>21</sup> Cf. CHARAUDEAU, Patrick. **Linguagem e discurso: modos de organização**. Contexto, 2010. p. 75-76.

## Resposta Comentada

Como função geral, o teatro diverte, satiriza a classe política, discute os problemas sociais, conscientiza politicamente os oprimidos etc., refletindo, assim, a própria condição humana. Assim, podemos compreender que “as vicissitudes do teatro no Brasil estão intimamente ligadas ao desenvolvimento específico da história do país”<sup>22</sup>. E, ainda, assinala que “os jesuítas, que, como se sabe, aprendiam em sua ordem de estudos também a técnica teatral, favoreciam amplamente o gosto dos índios pelo canto, pela dança, mímica e oratória, valendo-se também de seus costumes, das máscaras e das vistosas plumagens para criar e enriquecer uma produção teatral com finalidade de catequese”. A partir dessa ideia, você pode discutir com sua turma a respeito da vinculação entre as peças teatrais produzidas em um lugar e as características da sociedade em que foram produzidos tais materiais.

Em seguida, você pode abordar o papel específico de José de Anchieta que, enquanto membro da Companhia de Jesus, atuava na catequese dos índios. Toda a sua obra, que é assinalada pelos estudiosos como a melhor produção literária do Quinhentismo brasileiro, reflete esse propósito de doutrinação indígena. Você pode levar o aluno a perceber que, no auto analisado, há todo um viés persuasivo que o autor coloca em seu texto visando exatamente à questão da transformação social. Esse viés pode ser observado por meio, por exemplo, da caracterização do personagem Guaixará, que age como um indígena – o que, na peça, é criticado. O escritor tenta fazer seu público perceber que suas ações e seus costumes não condizem com o que seria correto e espera que eles, por conta disso, abandonem seus hábitos errôneos e passem a agir de forma diferente.



## Texto Complementar 1

Embora não represente o foco do bimestre, o texto complementar a seguir é uma notícia – gênero focalizado no primeiro bimestre da 1ª série do Currículo Mínimo. Ele permite que você explore a temática da colonização do Brasil diacronicamente. A partir dele, estabelece-se uma atividade de leitura, como prevê o Currículo Mínimo.

<sup>22</sup> CACCIAGLIA, Mario. **Pequena História do Teatro no Brasil**. São Paulo: EDUSP, 1986. p. 1.



### **Financial Times ironiza e sugere que Portugal vire colônia do Brasil**

Coluna do jornal faz proposta provocativa para resolver a crise da dívida do país: o retorno da relação metrópole-colônia, mas com pólos invertidos

São Paulo - O jornal britânico Financial Times (FT) ironizou a situação da crise da dívida portuguesa e sugeriu que o país peça anexação à sua antiga colônia na América. A provocação foi feita na coluna "Lex", publicada nesta sexta-feira (25).

Ocupando posições quase opostas economicamente – crescimento do lado brasileiro, fragilidade econômica crônica do lado de lá - os dois países já estariam vivendo uma inversão de papéis, e Portugal, combalido, poderia tirar vantagem de se anexar ao Brasil.

"A União Europeia considera Portugal problemático: sem governo, com alta resistência à austeridade e fraca performance econômica (o PIB estagnou na última década). As negociações são duras", diz o articulista. "Aqui está uma ideia inovadora para lidar com a situação: a anexação pelo Brasil", prossegue.

Segundo o jornal, ainda que o país europeu se ressinta da perda de status, não se pode dizer que ele tenha força para reclamar: representaria apenas 5% da população do Brasil e 10% do PIB. O veículo prossegue elencando as virtudes brasileiras: crescimento do PIB de em média 4% ao ano na última década e presença no seleto grupo dos BRICs, o centro emergente do poder mundial, "uma casa melhor do que a velha e cansada União Europeia".

Fonte: PORTUGAL, Mirela. **Financial Times ironiza e sugere que Portugal vire colônia do Brasil.** Disponível em [www.exame.com](http://www.exame.com). Acesso em: 08/09/2011.





13. Comparando os textos geradores I, II e III desta aula com o texto complementar acima, podemos concluir que:

- a) as riquezas e belezas naturais do Brasil conseguiram se perpetuar e, mais de quinhentos anos após o início da colonização, continuam sendo exploradas por Portugal;
- b) o Brasil continua dependente tanto econômica quanto culturalmente de países mais da União Européia e dos Estados Unidos da América;
- c) com uma economia forte e reconhecida mundialmente, o Brasil assumiu uma posição de destaque diante de sua antiga metrópole, havendo uma inversão de poderes;
- d) Portugal apresenta-se hoje como a pior economia da União Européia, precisando recorrer à sua antiga colônia, o Brasil, para se reestruturar economicamente.

**Habilidade trabalhada:** Relacionar os modos de organização da linguagem na literatura às escolhas do autor, à tradição literária e também ao contexto social de cada época.

## Resposta Comentada

Este texto complementar estabelece uma ponte com os textos geradores, que informaram detalhadamente as características do Brasil e do seu povo à época da chegada do colonizador português, como nos textos I e II, ou se propuseram a persuadir o povo nativo a seguir a doutrina cristã, como no texto III. O elo coesivo que você pode perceber inicialmente entre todos os textos é o tema Brasil. Porém, os pontos de vista apresentados neles são bem diferentes, pois, nos textos geradores, há a ideia de uma terra ainda desconhecida – mas com perspectiva de bom investimento – que possui um povo ignorante e pagão em relação à cultura e à religião da futura metrópole. Já no texto complementar, essa perspectiva se inverte, haja vista que, na atualidade, o antigo dominador não se apresenta mais como uma potência mundial, estando o antigo dominado agora em posição de superioridade.

É interessante, nesta questão, que você leve o aluno a analisar cada uma das alternativas tendo como base essa comparação entre os textos geradores e o texto complementar. Dessa forma, ele perceberá que a alternativa A não se configura como uma opção correta, visto que essa assertiva informa que, desde 1500, as riquezas e belezas naturais do Brasil são exploradas por Portugal. Ora, mesmo não estando escrito no texto informação contrária a tal afirmação, você pode levar os alunos a inferir que, após a independência do país em 1889, o Brasil deixou de ser uma colônia de exploração portuguesa.

A alternativa B também se constitui uma resposta errônea, pois assinala que o Brasil depende tanto econômica quanto culturalmente de outros países, sendo que esta situação não é mais considerada como uma verdade diante do mundo globalizado em que vivemos. Hoje, o Brasil tanto importa quanto exposta cultura e, além disso, após um longo período de crescimento econômico que vivemos desde o Plano Real, o país vem se apresentando com uma economia forte e reconhecida mundialmente.

Já a alternativa C identifica uma inversão de poderes: hoje, o Brasil é um país reconhecidamente bem administrado com uma economia desenvolvida, enquanto Portugal se encontra com fraca performance de desenvolvimento no grupo de países que fazem parte da União Europeia. Nesse ponto, você pode mostrar para os alunos que o ponto de vista em relação ao Brasil presente nos textos I, II e III já não caracteriza a verdade dos fatos, visto que Portugal não está mais numa posição de superioridade em relação ao Brasil. Assim, a resposta correta da questão é a letra C.

Por fim, a opção D traz uma passagem verdadeira ao afirmar que “Portugal apresenta-se hoje como a pior economia da União Européia”, porém a ideia de que será o Brasil que vai recuperar Portugal economicamente é uma mera ironia do autor do texto que visa a apenas mostrar que o colonizado está em melhor situação do que o colonizador. Dessa forma, a alternativa D também está incorreta.







## Atividades de Uso da Língua

14. Dentre as muitas formas de definir a *literatura*, podemos compreendê-la como a “arte da palavra”, uma manifestação artística que, pelo trabalho com a linguagem verbal, permite-nos entender e (re)construir o real.

A partir dessa concepção, compreendemos que, no *Auto de São Lourenço*, pelo uso que Anchieta faz da língua, a imagem de Guaixará é reconstruída. Se o nome se refere a um chefe indígena; no texto teatral, denomina a personagem caracterizada como “rei dos diabos”. Nesse sentido, responda aos itens abaixo:

- a) O que podem representar, metaforicamente, os versos: “Quero as tabas acender/ com meu fogo preferido”?
- b) De que maneira a caracterização de Guaixará demonstra como Anchieta entendia a cultura indígena e como ela representa uma estratégia de argumentação, utilizada na catequização dos índios?

**Habilidade trabalhada:** Identificar mímeses, metáfora, discurso figurado, mentira e ficção.

## Resposta Comentada

Para o desenvolvimento desta questão, é fundamental retomar, junto aos alunos, concepções básicas sobre Teoria Literária. Assim, você pode ressaltar que, ao longo da história, diferentes estudiosos e poetas buscaram definir o texto literário. Na Antiguidade Clássica, por exemplo, a arte era concebida como ficção, isto é, como uma construção da não realidade. A literatura seria, portanto, uma criação da imaginação: a narração de uma história inventada ou fingida.

No entanto, ainda nesse período, Aristóteles (384 a.C. – 322 a.C.) defendeu, ao contrário de seu mestre, Platão, que a poesia é uma forma de revelar a essência das coisas, um meio de conhecer o mundo. A arte, portanto, deixou de ser concebida como simples cópia das aparências, sendo compreendida como *mimesis*: a imitação como revelação do ilusório mundo em que vivemos<sup>23</sup>. Outra estratégia que você pode utilizar para ampliar o conceito de *arte* e *literatura* é apresentar a origem do vocábulo “ficção” – do Latim “fictionem”, que significava “tocar com a mão”, “modelar na argila” –, explicando que, se ao oleiro (artesão que faz vasos de cerâmica) cabe criar obras artesanais; a função do poeta, o artesão da palavra, é criar um mundo pelo texto<sup>24</sup>.

A exploração estética da palavra é o que focaliza o item “A”. Nele, espera-se que o aluno compreenda o sentido figurado que os versos em destaque assumem no texto. Assim, você pode ressaltar o sentido metafórico do vocábulo “fogo”, que, nesse trecho, não aponta apenas “um resultado de combustão”, mas refere-se ao ardor, ao sofrimento que Guaixará deseja conferir à aldeia indígena. Considerando a metáfora como construção básica do discurso figurado, outras expressões conotativas podem ser destacadas e analisadas com os alunos.

Além disso, é importante discutir os limites entre ficção e realidade, fazendo os alunos compreenderem que, por um lado, os aspectos da vida influenciam a produção literária e que, por outro, a arte pode modificar a maneira como vemos a realidade em que nos inserimos. Outra discussão teórica interessante é demonstrar aos discentes como o real não é estático, uma vez que a realidade é captada de distintas maneiras, a depender de nossos referenciais (conceitos, crenças, experiências)<sup>25</sup>.

O desenvolvimento dessa habilidade é o que estrutura o item “B”. Por meio da exploração linguística do auto, os alunos são convidados a observar que, na perspectiva do europeu, os índios deveriam ser “salvos”, convertendo-se ao catolicismo. Logo, ao apresentar Guaixará como uma figura demoníaca, Anchieta visa à desconstrução da cultura indígena, visto que, embora o demônio se proclame “forte” e “conceituado”, é derrotado e expulso pelos santos católicos. Nesse sentido, é importante que os alunos compreendam que todo texto – principalmente, o literário – é uma representação da realidade, condicionada pelo ponto de vista de seu autor. Não existe, pois, texto imparcial.



<sup>23</sup> Cf. AUERBACH, Eric. **Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1976.

<sup>24</sup> Cf. WALTY, Ivete Lara Camargos. **O que é ficção**. São Paulo: Brasiliense, 1985. Coleção Primeiros Passos.

<sup>25</sup> Cf. LAJOLO, Marisa. **O que é literatura**. São Paulo: Brasiliense, 1981. Coleção Primeiros Passos.



15. Na questão anterior, vimos que, para a construção do texto poético, Anchieta utilizou diferentes recursos linguísticos, como as metáforas. No entanto, sabemos que essas estratégias não estão presentes apenas em textos literários; ao contrário, estruturam os mais variados gêneros textuais. Desse modo, respondendo aos itens que se seguem, você poderá observar alguns desses recursos e, posteriormente, melhor utilizá-los nos diferentes textos que produz em seu dia-a-dia.

a) Na terceira estrofe do excerto, qual verbo aparece com maior recorrência? O que justificaria esse fato?

b) Se também considerarmos as outras formas verbais que compõem o auto, qual tempo verbal se revela mais comum? Que efeito de sentido é gerado a partir dessa escolha linguística?

**Habilidade trabalhada:** Reconhecer as características de um texto descritivo.

## Resposta Comentada

Esta questão tem como objetivo auxiliar os alunos na identificação das marcas linguísticas que caracterizam sequências textuais predominantemente descritivas. Desse modo, o item “A” propõe, inicialmente, uma observação de cunho quantitativo: reconhecer o uso recorrente do verbo “ser”. A partir dela, pode-se construir uma análise qualitativa: observar como essa forma verbal, atuando como um verbo de ligação (suporte), relaciona, diretamente, um referente a suas qualidades. Compreendendo que, nessa construção sintática, a carga semântica recai sobre os termos tradicionalmente denominados “predicativo do sujeito” ou “predicativo do objeto”, você pode explicitar que esses elementos predadores podem atribuir ao elemento que projetam (sujeito ou objeto direto) diferentes traços de sentido – dentre os quais, destacam-se: características habituais, relação de posse, origem, qualidades físicas, traços identitários. Nesse sentido, cumpre sublinhar que, nesse excerto do auto, a

personagem Guaixará afirma suas qualidades e sua identidade, como nos versos “Quem é forte como eu?/Como eu, conceituado?” e “Sou diabo bem assado.”, respectivamente.

De forma semelhante, o item “B” solicita o reconhecimento do tempo verbal mais comum no fragmento: o presente do Indicativo – conforme se comprova pela listagem dos verbos a seguir: “Me irrita”, “permaneço”, “é” (repetido sete vezes), “dou”, “vou”, “Sou” (repetido duas vezes), “seja constrangido”, “nem abolido (elipse)”, “Quero”, “se recomenda”, “queira”, “trago”, “se embriaga”, “entorna”, “se consagra”, “Vêm”, “duvidem”, “vigora” e “tem”. Portanto, a recorrência de verbos no presente consiste, nesse texto, em uma estratégia para apresentar propriedades de referentes (em especial, de Guaixará) e fixá-las, na ausência de uma sequência temporal, em uma fotografia imutável. Dessa maneira, compreendemos por que o “presente” e “pretérito imperfeito” são os principais tempos verbais que estruturam textos descritivos. Você pode, ainda, explicitar aos alunos que, na descrição, esse efeito de estaticidade também é gerado pelo uso de *verbos estativos*, que descrevem um estado, uma situação não dinâmica, podendo ser agrupados nestas subclasses: *existenciais* (ser, haver, existir), *locativos* (morar, residir etc.), *epistêmicos* (saber, conhecer etc.), *perceptivos* (ver, observar etc.), *psicológicos*, não causativos (gostar, admirar etc.) e *copulativos* (ser, estar, permanecer, ficar etc.)<sup>26</sup>.

Desse modo, a partir da exploração de um texto literário representativo, esta questão propõe um trabalho de leitura e análise linguística que exigem conhecimentos de diferentes níveis do sistema linguístico. Ampliando e relacionando saberes sobre morfologia, sintaxe e semântica, espera-se que o aluno possa entender como expressões qualificativas e formas verbais representam recursos significativos para a construção de discursos descritivos.



<sup>26</sup> MATEUS, Maria Helena Mira et al. **Gramática da Língua Portuguesa**. Lisboa: Editorial Caminho, 2003.



## Atividade de Produção Textual

16. Nas primeiras questões deste Roteiro, analisamos a Carta de Achamento do Brasil, escrita por Pero Vaz de Caminha e, assim, entendemos a estrutura desse gênero textual. Além disso, explorando as descrições da “nova terra” e da personagem Guai-xará, identificamos alguns recursos linguísticos que estruturam textos descritivos, como o Tratado da Terra do Brasil e o Auto de São Lourenço.

Agora, chegou sua vez de escrever! Pense no seu bairro e nos costumes das pessoas que nele vivem e escreva uma carta ou um e-mail a um parente/amigo que não more em sua cidade.

**Habilidade trabalhada:** Descrever o bairro e os costumes de onde mora.

## Resposta Comentada

Você pode, antes de iniciar a atividade de produção textual, revisar com o aluno as características de um texto descritivo. Nesta tipologia textual, o emissor tem por objetivo principal fornecer um “retrato” de algo que ele quer caracterizar de forma que quem receber a mensagem seja capaz de elaborar mentalmente a imagem que lhe é transmitida. Pode-se até pensar que, quando se elabora um texto em que essa tipologia predomine, não seja possível notar qualquer ponto de vista do autor acerca do que descreve. Comente com o aluno que, no entanto, eles puderam observar, a partir dos textos geradores trabalhados nesta aula, que, por meio da seleção adequada de adjetivos a serem utilizados na descrição, é possível mostrar o posicionamento de seu autor em relação àquilo que caracteriza no seu texto. Você pode, então, estimular seus alunos a elaborar uma carta bastante detalhada em que seja feito o uso tanto da descrição objetiva quanto da subjetiva.

Do mesmo modo, é importante que você retome a estrutura básica dos gêneros carta ou e-mail, considerando as adequações linguísticas pertinentes. Esses gêneros possibilitam um grau maior de informalidade. Todavia, vale a pena estimulá-los a produzir textos com maior carga emotiva e poética – utilizando-se do estudo dessas funções da linguagem, realizado ao longo deste ciclo.

Essa atividade encerra o ciclo por retomar habilidades e competências desenvolvidas ao longo desse período. Não deixe de destacá-las no momento de produção, que deve se deslin- dar em diversas etapas que permitam ao aluno observar o aprimoramento de seu texto. Além disso, o ponto interessante dessa atividade é levar os alunos a produzirem um texto com fins sociocomunicativos reais. Sendo assim, estimule-os a estabelecerem contato com parentes que morem em outras cidades ou estados via e-mail ou carta tradicional. Esses gêneros permi- tem a inserção de fotografias, desenhos ou imagens – recursos não verbais que complemen- tam o texto e podem causar maior interesse dos alunos em realizarem esta atividade.

Em um segundo momento desta atividade, é possível que a própria turma selecione os melhores textos para uma exposição em que as produções sejam complementadas por fotos antigas e atuais da cidade e dos costumes da população. Seria viável, ainda, na composição dessa exposição, um trabalho interdisciplinar com o professor de História, que poderia propor aos alunos que se contasse a história do município com base nas fotos apresentadas.

